

Amigos, amigos, negócios

p 21

A disposição da Seplan em propor ao presidente Sarney a extinção de alguns ministérios e outras estatais que considera dispensáveis num regime de economia de despesas é apenas mais um dos sintomas dos choques projetados pela Constituinte e que, no conjunto, impulsionam uma efetiva transferência de poder que a reforma tributária consolida.

É um jugo duro. Como o caixa federal está vazio e há a disposição dos constituintes em prover os estaduais e municipais com recursos mais substanciais, via reforma tributária, a Seplan realiza o jogo que considera mais correto: enxugar a máquina administrativa sem poupar sequer ministérios mais recentes — que voltariam a ser seções dos mais antigos.

Não importa se nesses ministérios estão amigos pessoais do presidente da República. Amigos, amigos, negócios à parte. E os negócios são com o presidente, que encomendou a redução de despesas na máquina federal. Os amigos, amigos são de Sarney, que podem ou não confundir-se com o presidente. O importante é que aí começa um dos choques.

A decisão em eliminar ministérios e estatais, ao ponto em que avançou, não tem mais como deixar de provocar choques. Se Sarney atende aos planos da Seplan, alguns ministros não vão gostar. Se não atende, outros não vão gostar. Se ficar numa posição intermediária, também terá da mesma forma quem gostou e quem não gostou — meio satisfeitos e meio insatisfeitos.

A administração dos choques será políti-

ca, evidentemente, mas parte da base econômica em erosão. Com recursos que já eram escassos, o caixa federal esvai-se perigosamente diante da sangria provocada pela Constituinte, que concede a reforma tributária e a anistia de dívidas sem levar em conta, como observou o professor Leitão de Abreu, a situação de quem vai pagar a despesa — decisão dos constituintes, mais política do que econômica.

Ainda é cedo para prever quem vencerá a parada, se os amigos ou se os negócios, mas é inevitável uma transferência de poder político no processo. Uma transferência semelhante àquelas decisões que a imprensa costuma publicar ao lado de duas tabelas, uma com “quem ganhou” e outra com “quem perdeu” — e seria mais criativo substituir a tabela por uma outra na base do “por que perdi” e “por que ganhei”.

Mas tem mais choques de readaptação à nova ordem constitucional. Parece inevitável que os recursos tributários federais serão menores depois da Constituinte, enquanto os estaduais e municipais crescerão na mesma proporção. Com essa evidência, práticos homens de negócio começam a se preparar para uma nova programação de trabalho no próximo ano.

Nessa programação, cai o prestígio da Eplanada dos Ministérios. Abre-se na agenda dos homens de negócio um espaço mais generoso para governadores e prefeitos, entre os quais novas fontes de mel jorram — as mesmas que secarão junto a ministros. É a inversão que o pessoal da Seplan procura compensar com seus choques.